

## Uso de narrativas bíblicas na cartografia baixo-medieval

*Paulo Roberto Soares de Deus*

*Universidade de Brasília*

A cartografia medieval é essencialmente diversa da moderna. Enquanto esta é dominada pelo desejo de uma objetividade matemática, aquela era possuída pela subjetividade. O mundo não era representado como aparece diante de olhos frios e desprovidos de paixão, mas como realmente era. O *mundus*, mais do que um lugar, era uma ordem específica, uma beleza que deveria ser vista como um conjunto harmônico e rico em qualidades<sup>1</sup>. As qualidades importavam mais que os acidentes geográficos, pois estes eram conseqüências daquelas.

Compreender a maneira como o mundo é retratado significa analisar como ele é percebido. Não à toa em nossos mapas, tributários de uma pretensa objetividade, a Europa ocupa o centro e o alto. Nos medievais o alto das cartas era dominado pelo Oriente, lugar de onde emanava a luz, quer fosse do sol nascente, quer do Cristo – luz do mundo. Este último personagem é vital para compreender a cartografia medieval, uma vez que seus produtores eram clérigos e os mapas, em especial os mapas-múndi, eram confeccionados dentro de mosteiros e catedrais. Sua função estava indissociavelmente ligada a estes lugares e a seus produtores, mesmo, e talvez em especial, se seus consumidores fossem leigos.

O mundo medieval era dominado pela figura de Deus, assim, também seus mapas.

A cartografia medieval dos mapas-múndi é chamada teológica em função dos mapas terem sido produzidos sob a tutela eclesiástica e estarem submetidos a um sistema que se baseia nos textos sagrados e nos dogmas formulados no âmbito da Igreja. As cartas deste tipo que não foram produzidas diretamente por clérigos basearam-se em fontes clericais de informação e conhecimento.

A Igreja acumulou um conjunto de conhecimentos sobre a localização dos lugares, ordenado em mapas e livros organizados em sua maioria na Antigüidade, que serviram de base para a elaboração de documentos mais recentes. Grande parte deste material se perdeu, em especial o iconográfico.

O conhecimento que os medievais receberam dos antigos foi bastante lacunar, e, mesmo estando cronologicamente mais afastado da Idade Antiga, o presente possui mais informações sobre este período que os medievais jamais tiveram. A cartografia medieval, portanto, baseava-se em fontes extremamente incompletas. E os espaços em branco deveriam ser preenchidos.

---

<sup>1</sup> A palavra *mundus*, em latim, além da óbvia tradução como mundo, também pode ser traduzida como limpo, elegante, ornamento ou adorno. Está para o grego *Kosmos*, que está na raiz de nossa palavra ‘cosmético’, e pode ser traduzido como mundo ou universo, mas em com o sentido de uma perfeita ordem. Cf. Dicionário Perseus, Tufts University, Massachussets, disponível no endereço eletrônico <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/resolveform>.

Os primeiros escritores e pensadores do cristianismo interessavam-se mais por discussões teológicas que por polêmicas geográficas. O conhecimento espacial era utilizado como um recurso secundário, como, por exemplo, nos *Historia Adversum Paganus, libri septem* (Sete Livros de História Contra os Pagãos), de Paulo Orósio. Neste texto, produzido a pedido de Santo Agostinho como um complemento ao seu *Civitates Dei Adversum Paganus* (Cidade de Deus Contra os Pagãos), o clérigo ibérico conta a História da humanidade com a intenção de comprovar que antes do nascimento de Cristo esta era dominada por desastres e desgraças<sup>2</sup>. Após o nascimento, morte e ressurreição do Salvador a natureza deixou de ser tão adversa aos homens. A tese de que a decadência do Império tinha o cristianismo como sua causa, uma vez que os antigos deuses teriam ficado irritados com o abandono de seus cultos, foi respondida por Agostinho e, em especial por Orósio, com a afirmação de que isto ocorria como uma punição pela arrogância e funcionava como um processo de purificação para a verdadeira glória futura.

Os sete livros de História de Orósio foram uma das principais fontes de conhecimento geográfico utilizadas pela Idade Média. Em seu segundo livro há uma descrição das regiões da Terra, paradigmática para tudo o que foi produzido nos dez séculos seguintes. O mapa-múndi de Hereford, confeccionado no século XIII, cita a obra de Paulo Orósio como sua principal fonte. Em que pese neste mapa haver referências a outros autores capitais para o conhecimento natural no medievo, como o também ibérico Isidoro de Sevilha, o plano geral do *orbis* foi extraído da obra paulina.

Mesmo tendo um livro dedicado à descrição do mundo, esta não passa de um plano geral. Além disso, o texto orosiano não foi acompanhado por imagens, o que permitiu uma liberdade maior a seus leitores na confecção de um modelo do que era o mundo. Em um primeiro estágio, antes de ganhar a forma de um mapa, este modelo era forçosamente mental, organizado de acordo com os esquemas mentais de quem lia, assim, torna-se necessário buscar as características do imaginário da época que se apropriou do livro de Orósio. Ademais, a descrição orosiana carece de complementação, que será buscada na fonte de maior autoridade no medievo, o texto bíblico. Cotejando a descrição do segundo livro com o próprio mapa percebe-se que o plano geral daquele encontra-se neste, porém, há diversos acréscimos. O que se explica por três fatores: o hiato de tempo entre o texto paulino e o mapa, em que ocorreu um acúmulo de conhecimentos espaciotográficos; às próprias especificidades artístico-teológicas<sup>3</sup> do mapa inglês; e ao fato de que Orósio preferiu realizar uma descrição das regiões do mundo em função dos reinos e impérios

---

<sup>2</sup> O termo des-graça é emblemático para a situação que Orósio pretendia delinear em seu trabalho. Os homens, punidos com a Queda de Adão e Eva viviam neste mundo sem a esperança de Salvação. Só a Paixão de Cristo e a remissão dos pecados abriu a possibilidade de Salvação, e o Paraíso até então perdido, e garantiu que Deus olharia com melhores olhos para seus filhos.

<sup>3</sup> Prefere-se não separar o artístico do teológico pois este mapa, muito mais que um objeto artístico valorizado por sua beleza, inseria-se no registro das preocupações teológicas. Era, todavia, fruto de uma arte (*ars*).

conhecidos na tradição historiográfica pagã e não dos principais acidentes geográficos da tradição cristã, como o monte Sinai, o deserto do Egito, a *Decápolis* ou o Paraíso Terrestre.

Assim, percebe-se que mesmo fontes cristãs de conhecimento geográfico vindas da Antigüidade nem sempre traziam figuras que se adequavam às necessidades de maior concretude e presença (ou densidade?) teológica do pensamento baixo-medieval. A Bíblia tornou-se, desse modo, o melhor recurso para complementar esta lacuna.

Sendo, na verdade, um conjunto de livros, a Bíblia é povoada por diversos personagens, sendo que apenas Deus é constante. Este personagem, que toma ares de autor, afinal não só inspirou os livros mas criou o Universo, mais que uma figura constantemente presente ou lembrada, é o princípio que ordena a narrativa.

A Idade Média já foi diversas vezes cognominada de Idade da Fé em virtude da posição central ocupada pela vivência religiosa naquela sociedade. Os homens e mulheres do período possuíam uma relação, se não mais próxima com Deus, ao menos com mais apelo ao divino. O calendário era marcado tanto pelo ritmo da natureza – primavera, verão, outono e inverno; plantio e colheita – como pelas datas litúrgicas e festivas. Estes dois sistemas, o natural e o litúrgico, não eram concorrentes, havendo uma sobreposição. As datas de entrada e/ou saída das estações e períodos agrícolas eram marcadas pelas festas e dias santos, do mesmo modo que no século XXI na região nordeste do Brasil se marca o início da época das chuvas com o dia de São José.

O ritmo do cotidiano tem na lembrança das coisas divinas suas marcas e referências. As estratégias mnemônicas necessitam de elementos representativos ou dignos de nota aos quais se relacionam idéias e eventos para que estes sejam mais facilmente buscados de seus esconderijos no inconsciente. Ao mesmo tempo em que estas figuras são usadas como recursos para buscar memórias, servem para ordená-las, pô-las em uma dada seqüência, hierarquizá-las em uma específica ordem, criando uma simbiose em que não é mais possível separar as funções ‘puramente’ mnemônicas do ordenamento/classificação a que os elementos lembrados se submetem<sup>4</sup>.

Quando se transplanta este pensamento para o espaço, poucos reparos precisam ser feitos. No ordenamento deste também se precisa recorrer a estratégias de memorização. Os lugares são conhecidos por seus nomes e suas características. Estas podem ser dadas pelos acidentes geográficos, pelo tipo de vegetação, clima e mesmo a arquitetura. Mas estas são marcas visíveis, e o mundo é recheado por elementos invisíveis. O gosto torna um lugar mais aprazível que outros e muitas vezes alguma coisa de difícil definição nos faz detestar um ambiente com o qual entramos em contato pela primeira vez há poucos segundos.

Hoje, os elementos com que nos deparamos ao ver ou entrar em algum espaço ou são os que saltam aos olhos ou estes inomináveis, mais ligados a instintos ou projeções inconscientes. Na Idade

---

<sup>4</sup> Para uma discussão mais aprofundada ver Lévi-Strauss, **O pensamento selvagem**.

Média outras instâncias eram levadas em consideração. O mundo era um imenso campo de batalha, disputado por forças divinas e demoníacas. Cada um dos exércitos envolvidos na contenda possuía regiões que dominavam e de onde emanavam forças que capturavam o ambiente circundante. O mundo era dividido em regiões mais próximas ou afastas do bem e do mau. A se iniciar pela divisão maior entre mundo supralunar e sublunar.

Hugo de São Vítor, em seu *Didascálion*<sup>5</sup>, afirma que “os matemáticos<sup>6</sup> dividiram o mundo em duas partes: uma que fica acima da órbita da Lua, e outra que fica abaixo dela”<sup>7</sup>. O mundo supralunar seria a fonte vital do sublunar, i. e., todo o que existe abaixo da órbita da Lua depende de um modelo arquetípico existente no mundo supralunar. Enquanto a parte superior é chamada de “natureza”<sup>8</sup> e “tempo”<sup>9</sup>, a inferior é chamada “obra da natureza”<sup>10</sup> e “temporal”<sup>11</sup>, uma vez que esta depende das essências (natureza) e dos movimentos do que lhe está acima.

A parte superior do mundo existiria em virtude de uma “lei primordial”<sup>12</sup> e emanaria um “espírito vital”<sup>13</sup> que alimentaria todas as coisas da inferior. A dependência da parte de baixo em relação à de cima é completa. Tudo o que existe sob o círculo da Lua não apenas nasce, mas também cresce e subsiste<sup>14</sup> em virtude de infusões vindas do alto. Estas infusões alcançam o sublunar “através de percursos invisíveis”<sup>15</sup>. Há, portanto, um foco que emana um tipo de energia ou radiação que atinge todo o mundo.

As partes mais próximas a este foco recebem a infusão com mais vigor, e as mais distantes compartilham com menos intensidade das benesses dessa força. Na *Divina Comédia*, Dante, ao descer aos infernos fica cada vez mais distante do que é bom e divino e aproxima-se de Sua completa ausência. No centro do globo terrestre, na mais profunda parte do Inferno, está a Judeca, o salão em que satanáas jaz preso, com o corpo imerso em um lago congelado<sup>16</sup>. Este lugar seria o mais afastado das emanações do mundo supralunar que nos fala Hugo de São Vítor. Nele não há sequer movimento, além do bater de assas do demônio e seu eterno mastigar das amas de Judas, Brutus e Cássio<sup>17</sup>. Na *Viagem de São Brandão*, poema escrito no século XII na corte de Henrique I,

<sup>5</sup> Hugo de São Vítor. **Didascálion**. Ed. bilíngüe, ed. Vozes.

<sup>6</sup> Para Hugo a Matemática é a ciência (*scientia*) que abstrai a realidade (*quod doctrina facit, non natura*) para refletir sobre ela. Os matemáticos seriam um equivalente à palavra moderna cientistas. Ver **Didascálion**. p. 86-87.

<sup>7</sup> Hugo de São Vítor. idem, “*mathematici mundum in duas partes diviserunt: in eam videlicet partem quae est a circulo lunae sursum, et in eam quae deorsum est*”, p. 64.

<sup>8</sup> idem, “*natura*”, p. 64.

<sup>9</sup> idem, “*tempus*”, p. 64.

<sup>10</sup> idem, “*opus naturae*”, p. 64.

<sup>11</sup> idem, “*temporalem*”, p. 64.

<sup>12</sup> idem, “*Et superlunarem mundum, eo quod ibi omnia primordiali lege consistant*”, p. 64.

<sup>13</sup> idem, “*vitalis spiritus*”, p. 64.

<sup>14</sup> idem, “*non solu ut nascendo crescant, sed etiam ut alendo subsistant*”, p. 64.

<sup>15</sup> idem, “*per invisibiles meatus*”, p. 64.

<sup>16</sup> Inferno, canto XXXIV, 28-29 e 52. “Lo ‘imperator del doloroso regno da mezzo ‘l petto uscia fuor de la ghiacia [...] quindi Cocito tutto s’aggelava”

<sup>17</sup> Inferno, canto XXXIV

Beauclerc<sup>18</sup>, o santo irlandês viaja de sua ilha ao Paraíso Terrestre, e conforme vai se aproximando de seu destino mais maravilhas vê, o que indica que as regiões mais próximas do divino são as que possuem maior influência da energia emanado do alto. Lembremos que o Paraíso fica em um lugar alto, na *Comédia* dantesca no topo do monte Purgatório<sup>19</sup>, a mais alta montanha da terra, na *Viagem* de Brandão em uma ilha sobre uma montanha<sup>20</sup>.

O espaço ordenava-se em uma hierarquia cujo princípio ordenador era a figura de Deus. O Pai de toda a Criação era a Lei que submetia não só os viventes mas tudo o que existia. De certo modo, dava uma organicidade ao mundo (físico), equiparado aos viventes. Do mesmo modo que o corpo humano possuiria partes boas e ruins, portanto, superiores e inferiores, como a cabeça e os intestinos, a terra possuiria seus equivalentes<sup>21</sup>. No corpo humano o alto hospeda o belo (cabeça/rosto) e o baixo o fétido e impuro (intestinos, genitais). No corpo do mundo o alto abriga as regiões mais nobres, como o Paraíso Terrestre, Jardim de delícias onde o próprio Deus costumava passear, e o baixo era o lugar o Inferno<sup>22</sup>, eternamente malcheiroso e imundo.

A proximidade com Deus eleva a qualidade dos lugares, e o afastamento os rebaixa. A ordem do mundo pode ser representada com um segmento de reta, que parte de Deus e chega onde este não está. Deus funcionava como o princípio ordenador do mundo, servindo como referência para estabelecer a qualidade dos lugares. É necessário atentar que a relação alto/baixo não se refere apenas a uma posição física. Estas palavras implicam primordialmente em relações de qualidade. Por exemplo, as catedrais não precisavam estar em lugares elevados para serem melhores que os espaços ao seu redor. A presença de relíquias, e mesmo as cerimônias que ali se realizavam, tornavam aquele lugar melhor que seus arredores.

A qualidade dos lugares, tanto ou mais que seus acidentes geográficos, o definiam. Estar em um lugar é compartilhar suas características intrínsecas. Na *Viagem de São Brandão*, os monges sofrem influências e agem de acordo com os lugares em que estão. Na primeira ilha, em que há um castelo controlado pelo demônio, um dos monges furta uma jóia, pelo quê logo é castigado com a morte<sup>23</sup>. Quando os monges chegam às portas do Inferno, um deles logo salta para a terra, e é

---

<sup>18</sup> Trata-se de versão reduzida em anglo-normando de versão latina anterior (século X). A versão anglo-normanda foi a mais popular, uma vez que estava em vernáculo. Da viagem de São Brandão há, ainda, versões em Provençal e mesmo em médio alemão.

<sup>19</sup> Purgatório, canto XXVII

<sup>20</sup> El Viaje de san Brandán, canto XXX, “coronando el monte marmóreo está otra montaña, toda de oro fino; encma se alza la muralla que rodea las flores del Paraíso”. Na impossibilidade de acesso a uma edição em anglo-normando, utiliza-se prestigiosa a tradução espanhola de Lemarchand.

<sup>21</sup> Para uma discussão mais aprofundada, ver Aaron Gurevitch, **Categories of medieval culture** e **Medieval popular culture**.

<sup>22</sup> Na à toa uma das mais populares histórias medievais era sobre a descida de um cavaleiro – Owen – ao Inferno e intitulava-se ‘O buraco de são Patrício’, demonstrando o paralelismo entre o baixo corporal e o baixo do mundo. Para mais ver Bakhtin, **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento**.

<sup>23</sup> El viaje de San Brandán, canto X

imediatamente levado por demônios por seus pecados<sup>24</sup>. Ainda nesta história, quando Brandão chega ao Paraíso, há uma parte em que ele não pode ter acesso, uma vez que a matéria de seu corpo era demasiadamente bruta para sobreviver às emanações divinas, mais fortes lá<sup>25</sup>. Esta situação também foi vivida por Dante no Empíreo, acima do nono e último círculo do céu, que só pôde vislumbrar Deus como uma concessão da Virgem Maria após uma prece de São Bernardo<sup>26</sup>. Representar o espaço implica a necessidade de ultrapassar a mera reprodução do visível e a incorporação de seus elementos intrínsecos.

O espaço é, portanto, dominado por instâncias que lhe são superiores, i. e., que ultrapassam sua neutralidade tridimensional. O espaço torna-se um **fenômeno** na medida em que implica um movimento de atitudes e posturas, promove lembranças e incita ações. E, tendo em vista que o divino é a medida da escala, pensar sobre o espaço e sua representação implica refletir sobre a ordem divina.

No mapa de Hereford, Cristo está presente em duas situações, no centro, crucificado em Jerusalém, e no alto, julgando os vivos e os mortos numa referência os Fim dos Tempos. Estas duas posições, as mais destacadas – o centro e o alto – garantem este caráter ordenador da presença divina. O olhar do público é direcionado a estas duas posições, e toda a compreensão do que está posto no mapa sofrerá influência deste percurso do olhar. A presença de Cristo em Jerusalém reforça a qualidade sagrada desta cidade, e o Julgamento na margem do mapa, fora do mundo portanto, informa que este se dará além do tempo e da História.

Ainda em Hereford, a representação destas qualidades superiores de determinados lugares se dá pela recordação de eventos sagrados que neles ocorreram. No Mar Vermelho há a indicação do ponto em que Moisés o cruzou, perto da *Decápolis* existe uma referência a transformação da mulher de Ló em sal, no Norte da África é indicado um rio chamado *fluuius infernalis*, e a nordeste da Ásia encontra-se o Reino de Gog e Magog, cujos povos jazem aprisionados atrás de muralhas, das quais só se libertarão perto do Juízo Final.

A presença de Deus ocorre, assim, de duas formas. Diretamente, com as duas figuras de Cristo, e indiretamente, com a indicação de Sua passagem – como no Mar Vermelho – ou mesmo Sua ausência – como no reino de Gog e Magog.

Os mapas são representações do espaço. E a palavra representação pode, aqui, ser entendida em duplo sentido. No primeiro sentido de grafismo, e no segundo de conjunto de operações mentais ligadas à auto-reflexão e à socialização de idéias e conceitos. Um mapa carrega as idéias e conceitos que uma época faz do ambiente em que se dá a vida. A presença da figura de Deus em inúmeros

---

<sup>24</sup> Idem, canto XXV

<sup>25</sup> idem, canto XXX, “escuchan sus [de anjos] hermosas melodías, pero ya no pueden resistirlo más: su naturaleza les impide captar y comprender tan inmensa gloria.”

<sup>26</sup> Paraíso, cantos XXXII e XXXIII

mapas medievais não se deve apenas à religiosidade do período, que renovava sua fé por meio desta exposição, mas principalmente ao fato de que Deus era um constituinte da organização espacial, e qualquer mapa, em seu exercício de ordenação do espaço, estaria incompleto sem Ele. O uso de narrativas bíblicas, como a Queda de Adão e Eva<sup>27</sup>, a Torre de Babel<sup>28</sup> ou a passagem do Mar Vermelho<sup>29</sup> como fonte para o preenchimento de mapas medievais possuía a função de garantir a correta percepção dos desníveis qualitativos entre os lugares representados cartograficamente, inserindo a presença ou marcando a ausência de Deus.

## Referências Bibliográficas

### Fontes impressas

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Ed. bilíngüe, com tradução e notas de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: ed. 34, 1998.

BENEDEIT. **El viaje de San Brandán**. Traducción y prólogo Marie José Lemarchand. 3. ed., Madrid, Ed. Siruela, 1986.

**Mapa-múndi de Hereford**, cópia fac-símile, Wychwood Editions, distribuída por Hereford Map Centre – HMC, Church Street, 24/25, Hereford, HR1 2LR.

SÃO VÍTOR, Hugo de. **Didascalion da arte de ler**. Ed. bilíngüe, introdução e tradução de Antonio bMarchionni. Petrópolis: Vozes, 2001.

**Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1980

### Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. Brasília/São Paulo: Editora da UnB/Hucitec, 1999.

GUREVICH, Aron. **Categories of Medieval culture**. (trad. inglesa) Londres/Boston, Routledge & Kegan Paul, 1985

\_\_\_\_\_. **Medieval popular culture**. (trad. inglesa) Cambridge, Nova York, Cambridge University Press, 1988

LE GOFF, Jacques. *Imaginário medieval*. Lisboa, Estampa, s.d.

\_\_\_\_\_. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa, Estampa, 1993

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, 1989. (ed. original francesa de 1962)

---

<sup>27</sup> Gênesis, cap. 3

<sup>28</sup> Gênesis, cap. 11

<sup>29</sup> Êxodo, cap. 14, versículos 15 a 18